

POR UMA BREVE DISCUSSÃO DO HUMANO-MÁQUINA ENQUANTO CONCEITO ANALÍTICO

RAFAEL DE MOURA PERNAS¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – rmpernas@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

A relação entre o ser humano e a máquina perpassa por, praticamente, toda a existência histórica da humanidade. “Máquina”, se pensada no *strictu sensu* do maquinário moderno – engrenagens, energia, autonomia e constituição metalúrgica – limita a análise em períodos específicos. Também, força a conceber um *início*, um ponto de origem no qual, a partir dele, é permitido a existência da própria realidade analisável. Destarte, necessitamos conceber a Máquina para além do nosso tempo e contexto; necessitamos, enfim, saturar a Máquina com a história.

Analisar historicamente a percepção humana da Máquina nos leva para diferentes tipos de narrativas literárias e contemplativas. Leva-nos dos gregos antigos, com o autômato Talos do poema *As Argonáuticas*, séc. III até os ingleses modernos, com o monstro de Frankenstein de Mary Shelley, 1818 (ZARKADAKIS, 2015). Leva-nos, enfim, à Filosofia: de Descartes à Haraway, do racionalismo do séc. XVII até o pós-modernismo atual (DESCARTES, 1996) (HARAWAY, 1991). Em todos os aspectos observamos a presença da máquina como uma *metáfora* em relação ao “ser”; esse mesmo como uma ontologia historicamente construída (RICOEUR, 2010) (BUTLER, 2003) (BUTLER, 2015).

A partir dessa primeira reflexão, podemos pensar em um conceito em que igualmente opere como ferramenta analítica. Em outras palavras, uma proposição que permita uma investigação específica em objetos diversos. Tais objetos estão permeados de questionamentos, problemáticas e saberes acerca do “ser”. Objetos, então, que a partir da Máquina perguntam: o que constitui o ser humano? Ao mesmo tempo: poderia uma máquina – algum constructo humano – vir-a-ser?

Dessa forma, objetivamos explorar esse conceito – referido como “humano-máquina” – em seus caracteres tanto verticais quanto horizontais, isto é, sua natureza teórica e sua variabilidade histórica.

2. METODOLOGIA

A natureza ontológica do “ser” constitui um dos pilares do pensamento filosófico. Em linhas gerais, diz respeito ao campo da metafísica, caracterizando-se como atributos imanentes em que todos possuem e, por possuírem, não podem deixar de ter. Tais atributos podem ser a linguagem, deliberação moral e/ou a consciência, sendo essa a mais importante para o nosso trabalho.

Contudo, os atributos supracitados – dentre outros – apenas surgiram graças à realidade específica de seus momentos. Ainda que filosoficamente articulados, dependem de lugares delimitados na e pela história. “O ‘ser’ do corpo ao qual essa ontologia se refere é um ser que está sempre entregue a outros, a normas, a organizações sociais e políticas que se desenvolveram historicamente [...]” (BUTLER, 2015, p. 15).

A variabilidade de conceitos junto com os diferentes grupos que poderiam formulá-los atesta o “ser” como uma epistemologia; um conhecimento *após* o

indivíduo, dependendo do mesmo. Não há nada de imutável no “ser” do humano. Ademais, podemos pensar esse conceito como uma construção de inerências, ainda que ontológicas do ponto de vista da presença do indivíduo, devem ser interpretadas como conhecimentos especificamente fabricados.

Seguiremos, portanto, com um parâmetro histórico de tal epistemologia. Seguiremos, assim, com um recorte de diferentes obras a partir do séc. XVII, com Descartes, até o presente com as propostas de Haraway, retomando os aspectos teóricos do humano-máquina.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filósofo italiano René Descartes (1596-1650) diferencia o animal – próximos aos autômatos e às máquinas que apenas se movem – do humano. O ser humano “é uma máquina que, feita pelas mãos de Deus, é incomparavelmente mais bem ordenada e tem em si movimentos mais admiráveis que qualquer uma das que podem ser inventadas pelo homem (DESCARTES, 1996, p. 62-63)”. Entretanto, um século após, sob a influência de movimentos iluministas, o francês Julien Offray de La Mettrie (1709-1751) rebate as afirmações cartesianas no seu livro *L’homme Machine*. Negando quaisquer diferenças humanas, seríamos tão autômatos quanto os animais.

Os séculos XIX e XX serão marcados por visões pendulares com relação à Máquina. Em primeiro momento, na literatura observa-se uma fascinação pelo potencial das máquinas, indo das “poesias do vapor” frente a inserção da locomotiva, até a possibilidade de adquirirem consciência (KOSELLECK, 2014) (BUTLER, 1901). Já posteriormente, em face às Grandes Guerras, o fascínio se mistura com o medo: a possível consciência abre caminho para rebeliões de robôs (TCHÁPEK, 2010).

Já os trabalhos de Donna Haraway, nos finais do século XX, não só participam desse processo histórico como, também, oferecem uma sólida contribuição teórica. Haraway, em um contexto de forte expansão da tecnologia digital, propõe o Ciborgue, isto é, “uma ficção que mapeia nossa realidade social e corporal e também como um recurso imaginativo [...] é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material” (HARAWAY, 2009, p. 37). Neste sentido, Haraway utiliza a relação com a máquina para propor uma quebra com as construções modernas do “ser”. Advoga por uma perspectiva daquilo que denomina “mundo pós-gênero”, dado uma ausência de marcas e atributos. Ademais, afirma uma aplicabilidade em outros períodos históricos (MARKUSSEN; LYKKE, 200, p.9). O Ciborgue, assim como nossa proposta do humano-máquina, nos casos de aplicação, vem a se tornar uma *metáfora* para o ser.

Já por metáfora, entendemos como uma referência criativa, isto é, como a “condição negativa para que seja liberado um poder mais radical de referência a aspectos de nosso ser no mundo que não podem ser ditos de maneira direta” (RICOEUR, 2010, p. 136). Assim sendo, muito próximo à uma perspectiva koselleckiana, o humano-máquina não diz respeito a realidades objetivamente verificáveis ou sequer ciente por parte de seus atores. Sua aplicação está em fazer-surgir, em organizar e lançar luz em um possível real. Diferentemente do Ciborgue de Haraway, entretanto, atenta diretamente ao processo histórico, ao tempo e contexto.

4. CONCLUSÕES



O conceito de humano-máquina, aqui proposto, faz parte de uma pesquisa maior referente a dissertação “‘Ser’ ser humano: projetando o futuro em relação ao humano-máquina nas narrativas de *Call of Duty: Black Ops III*, *SOMA* e *The Talos Principle*”. Nela, ao objetivarmos uma análise das diferentes produções de futuro em cada jogo, averiguamos que todos os futuros apresentados dependiam de uma definição particular de “ser”. Sendo assim, lançamos o conceito como forma de aglutinar cada análise em um eixo comum. Por fim, para evitar que seja um conceito “exclusivo”, algo particular apenas à nossa pesquisa, atentamos igualmente em sua usabilidade em outros contextos analíticos. Em suma, esperamos contribuir para o campo teórico e filosófico da história.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Tadeu Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- BUTLER, Samuel. Erehwon or Over the Range. London: Trübner & Co., 1901
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. Maria Emantina Galvão. São Paulo: Martins fontes, 1996
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Trad. Tomaz Tadeu. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, pp. 33-118.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Pereira Teixeira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006
- LA METTRIE, Julien Offray de. **Machine Man and Other Writtings**. Trad. Ann Thomson. Glasgow: Cambridge University Press, 1996
- MARKUSSEN, Randi; OLESEN, Finn; LYKKE, Nina. Cyborgs, Coyotes and Dogs: A Kinship of Feminist Figurations. In: KVINDER, KØN & FORSKNING, n. 2, 2000, pp. 6-15
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa 1**. Trad. Claudia Berliner. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa 3**. Trad. Claudia Berliner. O tempo narrado. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- ZARKADAKIS, George. **In our own image**: will artificial intelligence save or destroy us? Londres: Ebury Publishing, 2015